

O Proletário

N.º 36

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas

Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) para o custeio da publicação do jornal

NESTA EDIÇÃO:

<i>É Possível a Reforma agrária?</i>	2
<i>Os Movimentos Sociais e o Governo</i>	3
<i>Movimento de Moradia</i>	4
<i>APEOESP</i>	5
<i>Como os Bancos “criam moedas”</i>	6/7
<i>México e os 9 anos de NAFTA</i>	8/9
<i>Economia dos EUA</i>	10
<i>Viva os povos Iraquianos e Árabes</i>	11
<i>Empresa de Transporte Coletivo de Diadema</i>	12/13



Escreva para o Jornal O Proletário
Caixa Postal n.º 140
CEP 09910-970
Diadema, São Paulo

Venham para os cursinhos de Marxismo.
Se informem!

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário), com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

'Não há como fazer a reforma agrária sem dinheiro afirma o governo Lula'

Ministro Miguel Rossetto cobra mais recursos de Lula, que convocou ministros para pedir pressa com as medidas no campo.

Preocupado com a tensão no campo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou uma reunião com ministros para tentar agilizar a reforma agrária, mas ouviu do ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, uma cobrança por mais recursos com argumento de que, com pouco dinheiro, será impossível cumprir a promessa de campanha do governo. "Não tem como fazer reforma agrária num País continental como esse com R\$ 180 milhões", disse Rossetto na reunião realizada no Palácio do Planalto. Segundo Rossetto, seriam necessários, no mínimo, R\$ 500 milhões para cumprir a promessa feita ao Movimento dos Sem-Terra (MST) de assentar 60 mil famílias até o fim do ano. O ministro-chefe da Secretaria-geral da Presidência, Lula orientou seus ministros para que entrem em contato com os 27 governadores e peçam terras dos Estados para a reforma agrária. "De acordo com ele, 70% do custo dos assentamentos são para aquisição da terra. Portanto, se o governo conseguir propriedades de graça, os assentamentos ficam mais viáveis. Ele não revelou a extensão da área pública já identificada para fins de reforma agrária, mas disse que quase todos os Estados dispõem de áreas para esse fim.

Congresso - A tensão no campo mobilizou não só o presidente e os ministros, como também parlamentares. Paim reafirmou o compromisso do governo de garantir a paz no campo. "Não é possível, com seis, sete meses de governo, atender à demanda de toda a sociedade. Com certeza, a reforma agrária acontecerá", afirmou o parlamentar petista.

STF anula desapropriação assinada por Lula por 8 votos a 2, os ministros do STF confirmaram a nulidade da desapropriação de cinco fazendas na região de São Gabriel, no Rio Grande do Sul. A desapropriação, assina-

da em 19 de maio por Lula, era considerada a maior já realizada naquele Estado por envolver uma área de 13,1 mil hectares. A derrota é agravada por tratar-se de decisão sobre uma das questões mais delicadas para o governo no momento, a reforma agrária.

Reintegração de posse da terra doada pelo estado à Chrysler e comprada pela Volkswagen

Com área de 170 mil metros quadrados e avaliado em R\$ 16 milhões, a área já havia sido colocada à venda pela empresa.

O Governo Lula tentou negociação, permuta e mesmo a desapropriação da terra. A burguesia, o Imperialismo e o acordo do governo Lula com estes para se eleger impediu.

Não mecha com os interesses imperialistas e da grande burguesia. Cantou alto a voz de comando das forças imperialistas. O governo rapidamente se pronunciou. Não tem negociação. Cumpra a reintegração.

É, não é só verba que falta ao governo para cumprir as promessas de reforma agrária e urbana. Falta permissão dos interesses da grande burguesia e do imperialismo, que nunca terão. O Governo Lula e todos os reformistas, inclusive as esperanças do MST deverão se contentar, se o atual presidente alcançar a "reforma agrária de FHC". Que segundo dados oficiais executou assentando de 500 mil famílias ao custo médio de R\$ 40 mil. Oito anos e R\$ 20 bilhões depois, a reforma agrária de FHC espera pela reforma agrária de Lula.

"Esta reforma agrária é uma enganação total", diz Moisés Oliveira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Euclides da Cunha que liderou o acampamento de sem-terra, iniciado em 15 de novembro de 1983, dando origem à Gleba 15. "Os assentados estão perdendo para o bóia-fria que sobe num caminhão para cortar cana e tem garantidos R\$ 333,90 por mês, com carteira assinada." "Uma reforma agrária que se restringe praticamente a distribuição de parques lotes de terra a custa do orçamento público não é viável socialmente e muito menos economicamente",

A impotência (presa fácil), irresponsabilidade, traidores, vendidos e pró-imperialista, este é o destino dos governos de Frente popular.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS AÇÕES INTITUCIONAIS DAS AUTORIDADES DO GOVERNO DE FRENTE POPULAR.

As esperanças, a caducidade, a má fé, a traição, a irresponsabilidade e os interesses imperialistas.

Os teóricos do PT e da Social Democracia alimentam ilusão no povo pobre e no operariado Brasileiro da possibilidade das reformas Agrária, Urbana e no desenvolvimento econômico (geração de empregos). Na verdade, as únicas reformas que a burguesia deixará e exigirá cumprir são aquelas no sentido de retirar os direitos sociais, como o fim das aposentadorias, o fim das férias regulares, fim do 13.º salário, da licença gestante, do trabalho com registro etc., etc.

As reformas que diminuem ou acabam com direitos dos trabalhadores o governo do PT poderá e deve se utilizar da autoridade perante os trabalhadores para golpeá-lo. Mexer com os interesses econômicos da burguesia, não.

Na fase do capitalismo decadente, fase imperialista da economia, as reformas tipo agrária, distribuição de renda, geração de empregos passaram para as mãos da revolução armada do proletariado e dos camponeses pobres.

As análises teóricas do Marxismo não deixam dúvida sobre estas questões e a história é rica em experiências e exemplos de governos tipo Lula, que defendiam a lei, a paz, o método pacífico e acabaram com banho de sangue dos lutadores e dos próprios reformistas.

Por enquanto, o governo pode se dar ao luxo de organizar e coordenar ações do movimento dos sem-terra no campo com os movi-

mento dos sem-teto na cidade.

De fato, somente 6 meses de governo Lula se passaram. Não poderá fazê-lo daqui a mais seis meses. A paciência e espera dos trabalhadores têm limite.

Pena que com a irresponsabilidade dos dirigentes petistas poderá pagar com sangue toda a vanguarda de lutadores brasileiros e os próprios trabalhadores em geral que serão desmoralizados.

A idéia de combinar ações de massa (MST, MTST e MSTC) com ações institucionais capazes de fomentar as reformas estruturais, como a reforma agrária, urbana e geração de empregos, pelo método da legalidade e da passividade, se iguala a cutucar a onça com vara curta e acender uma vela para “DEUS e outra para o Diabo”. Apostam ainda os reformistas e os agentes religiosos com esperanças reais nestas reformas e que não perderão o controle do movimento.

Com o andar da carruagem, o descrédito no governo vai aumentar. Quando este governo começar a sentir suas bases operárias e populares saírem do alcance de suas mãos, poderá recorrer a medidas populistas e demagógicas contra setores da burguesia. Então, o futuro do governo estará selado. Duas são as alternativas deste governo: uma, é a de mesmo sabendo que perderá toda sua base social, reprimir e reprimir violentamente o movimento, aí a grande burguesia baterá palma; e a outra, de tentar fazer demagogia, “fazer média”, com medidas populistas no sentido de não perder totalmente a base de apoio, então a grande burguesia furiosa deporá este governo com banho de sangue.



As esperanças, a caducidade, a má fé, a traição, a irresponsabilidade e os interesses imperialistas

Os Governos obrigam os trabalhadores a ocuparem as terras e prédios vazios.

Em 2002 estivemos no governo por 4 vezes; em 2003 já é a 3.º vez. O que conseguimos? Nada!

Vejamos:

- 7 milhões de sem-teto no Brasil; 1 300 milhão em São Paulo; 30 mil em Diadema, sem contar as favelas;
- 2500 milhões de desempregados no Brasil; 84% de perdas salariais do Real a abril de 2003, 30% só do mês 01 a 04 de 2003; Salário mínimo corresponde a 10% do valor estabelecido na Constituição Federal.

POR MORADIAS JÁ PARA TODOS

MOVIMENTO DE MORADIA DE DIADEMA

Esta foi a faixa do Movimento de Moradia afixada em frente ao CDHU :
O Movimento chegou dia 28/07/03 e saiu no dia 30 a noite, pernitoou em frente a Prefeitura de Diadema, retornando para casa as 12 horas de 31/07

Conforme podemos notar na faixa acima, as necessidades de moradia são gritantes. Vejamos:

-1% de todo o ICMS arrecadado no Estado de São Paulo é destinado à construção de moradias para trabalhadores de baixa renda;

-O governo, através da CDHU, reparte este dinheiro com as empreiteiras, comprando prefeitos, deputados e vereadores para seus partidos de sustentação;

-Nada de moradia para os trabalhadores, ficam na mendicância, ocupando as beiras de rios, morros e encostas;

-Só a estrutura de empreguismo da CDHU consome grande parte das verbas. Para resumir a história, a CDHU não assenta diretamente nenhum bloco;

-Após muita pressão do Movimento o governo iniciou a construção de 620 unidades no município de Diadema e colocou em licitação mais 1800;

-Com a última mudança do Secretariado do governo Alckmin, o novo Secretario agenda reunião com o Movimento para o dia 02 de julho de 2002. O Movimento foi atendido por um acessor de 2.º escalão, o qual informou que em 01 de julho (dia anterior), em reunião no Palacio dos Bandeirantes, o Governador e o Prefeito de Diadema fizeram o seguinte acordo:

Que os 620 apartamentos em construção em Diadema seriam destinados não mais à demanda do aluguel, mas sim à demanda da Prefeitura (área de risco e de desfavelamento) e que as 1800 unidades em licitação teriam sido canceladas e, no lugar delas, o prefeito e o governo assinaram um protocolo de intenção de 850 unidades, sendo 400 para área de risco e 450 para desfavelamento.

O acordo com o governo é fruto da posição política da Prefeitura de Diadema de que o Município não comporta mais casas de gente pobre; de que o restante das terras na cidade vai ficar a mercê da especulação, da construção de shopping centers, de praças e

apartamento para a pequena burguesia abastada.

As 30 mil famílias que moram de aluguel e em casas de parentes terão que ser exportadas(!).

Só para se ter uma idéia do plano de habitação da Prefeitura e do Governo, querem colocar de 2 a 4 velhinhos (idosos acima de 60 anos de idade) num mesmo apartamento.

O que o governo e prefeito está mandando o Movimento fazer?

O lema do governo é “Invadiu ele “desinvadirá”!

...até que aconteça uma tragédia com enfrentamento e dezenas de mortos.

Estes mesmos governantes estão promovendo conferências das cidades, usando os slogan “a cidade para todos”.

Não acreditam na capacidade dos trabalhadores em compreender o mínimo e da capacidade de que estes organizem respostas a altura.

PE-

Cidade para todos só quando eliminar a contradição desta com o campo, no Socialismo.

APEOESP

Vivemos um momento histórico em que as contradições tendem a se acirrar cada vez mais. A maioria esmagadora dos movimentos sociais ainda depositam esperança no governo Lula/PT, acreditando que este governo irá cumprir suas promessas de reforma urbana, reforma agrária e geração de “10 milhões de empregos”. Ora, sabemos que esses movimentos sócias têm como direção nada menos que a base do próprio PT e setores da igreja. E o que estão querendo esses movimentos? Como têm ilusão no PT, estão mesmo cobrando as reformas que o candidato Lula prometera. Ainda não perceberam esses movimentos que o governo Lula/PT não irá cumprir com nenhuma das suas promessas, pois está comprometido por demais com o grande capital, com a burguesia, enfim, com o imperialismo. Na verdade, só está se esforçando ao máximo em cumprir os acordos de campanha com o grande capital internacional. Prova disso é que a reforma da Previdência está em fase final de aprovação.

E Lula?...Bem, esse agradece à CUT, aos sindicatos por estar conseguindo cumprir os seus acordos.

Sindicatos como a APEOESP (filiada a CUT, base de sustentação do governo) seguem à risca as orientações da cúpula do PT. Se não, vejamos: desarticulam qualquer iniciativa de mobilização, desviando de fato os caminhos da luta e das conquistas, que se concretizam na greve – movimento legítimo dos trabalhadores. Para isso, priorizam as caravanas à Brasília, a pressão parlamentar, em detrimento da ação direta. No caso da APEOESP, a situação é vergonhosa. Não temos muitas perspectivas de melhora, não se dependermos da burocracia da atual direção (Articulação, Art-Nova, Corrente Sindical Classista e Alternativa).

Aqui no Estado de São Paulo, o governador Geraldo Alckmin faz aprovar sem ne-

nhum trabalho o aumento na alíquota de contribuição para o IPESP, passando de 6 para 11%. E dissemos sem nenhum trabalho pois só ficamos assistindo; só ficamos nas assembleias esvaziadas. Não fomos para a greve, pois a burocracia alegara falta de unidade do funcionalismo público(foi assim também que não houve mobilização no SINPEEM). Essa mesma burocracia ainda insiste nas caravanas à Brasília para, no futuro usarem o discurso de que teve luta, de que teve pressão, etc.

Pois bem, professores e demais trabalhadores em educação. Se quisermos travar uma luta conseqüente contra o imperialismo e suas reformas, contra os saques dos nossos salários, contra o desmonte da escola pública, devemos ir para dentro dos sindicatos. Mas antes, nosso deve enquanto militantes, revolucionários, é ouvir os professores, entender as suas “dores de barriga” e procurar fazer uma ponte dos seus problemas com a necessidade de organização dentro dos sindicatos. Fora dos sindicatos as chances são mínimas.

Precisamos reforçar a todo instante a necessidade da greve, mas lembrando que somente a greve dos professores ou dos trabalhadores em educação, por si só não resolve os nossos problemas, pois a nossa greve não pára a produção de mais-valia (lucro) e nem causa tantos problemas ao Estado. As nossas reivindicações só serão atendidas se o nosso movimento existir em conjunto com o proletariado, com todos os trabalhadores ligados à produção. Só assim teremos algum sucesso em nossas lutas.

Com essa política, certamente conseguiremos expulsar a burocracia dos sindicatos. Entretanto, isso demanda tempo, muita militância e muito estudo, procurando fundir a teoria com a prática. A compreensão e solidariedade dos colegas professores, alunos e pais é de fundamental importância para a nossa a nossa causa; uma escola de qualidade para todos só se concretizará com o respaldo desses elementos.

Vimos que, efetivamente, os depósitos à vista nos bancos, através dos cheques, desempenham as funções de moeda, o que também são considerados moeda. Contudo, constituem uma forma específica de moeda, que não só é diferente da manual, como também tende a atingir um volume bastante superior ao da moeda manual que lhe deu origem.

Se todo depósito à vista tem origem num depósito de moeda manual, como o total de depósitos à vista pode ser maior que o total de moeda manual? Vamos tentar explicar essa façanha por meio da qual os banqueiros capitalistas conseguem lucrar quantias monstruosas às custas do dinheiro dos trabalhadores depositado nos bancos e em cima de quantias criadas apenas para este fim. Através de um exemplo bem simples e imaginando que, numa economia, existam apenas quatro pessoas (João, Maria, Caio e Francisco) e dois bancos (Brasilcom e Sampacom). Num dia qualquer, pela manhã, João tem R\$ 10 000, Maria tem também R\$ 10 000, Caio e Francisco não tem nada. Então, existe apenas moeda manual, no valor de R\$ 20 000.

Para não deixar todo o dinheiro em casa, João deposita R\$ 7 000 em Brasilcom. Maria faz o mesmo e deposita R\$ 8 000 em Sampacom. Acontece que Caio é amigo do gerente do banco Brasilcom e consegue com ele um empréstimo de R\$ 2 000. Caio retira o dinheiro e leva para sua casa. Francisco consegue também um empréstimo, mas em Sampacom, no valor de R\$ 5 000. Mas leva só R\$ 1 000 para sua casa e os outros R\$ 4 000 ele deposita no banco Brasilcom, pois também é amigo do gerente. Este então chama Caio e lhe oferece mais R\$ 2 000 de empréstimo, o que faz o aceitar levando em seguida para sua casa.

No final da tarde, quanto existe de moeda naquela economia?

João: 3 000 de moeda manual + 7 000 depositados no banco Brasilcom	= 10 000
Maria: 2 000 de moeda manual + 8 000 depositados no banco Sampacom	= 10 000
Caio: 4 000 de moeda manual + 0 000	= 4 000
Franc. : 1 000 de moeda manual + 4 000 depositados no banco Brasilcom	= 5 000
Total de moeda:	= 29 000

Ao final do dia, João e Maria continuam com a mesma quantidade de moeda, só que agora apenas parte é moeda manual; outra parte é depósito à vista, moeda escritural. Mas, tanto João quanto Maria poderiam a qualquer momento gastar os seus R\$ 10 000, pagando uma parte em dinheiro e outra em cheque.

Caio não tinha nada e agora tem R\$ 4 000 em moeda manual. Francisco não tinha nada e agora tem R\$ 1 000 na mão e R\$ 4 000 depositados. De onde vieram estes R\$ 9 000 que eles não tinham pela manhã e tem agora? Os dois bancos criaram os R\$ 9 000. Como? Vamos fazer as contas de outra forma. Os R\$ 20 000 originários, moeda manual, continuam existindo: R\$ 10 000 com as pessoas e R\$ 10 000 no caixa dos bancos. Mas, as pessoas têm mais R\$ 9 000 depositados, além do que está no caixa dos bancos. O banco Brasilcom recebeu R\$ 11 000 de depósitos (R\$ 7 000 de João e R\$ 4 000 de Francisco), em moeda manual; emprestou R\$ 4 000 e ficou com R\$ 7 000 em caixa. O banco Sampacom recebeu R\$ 8 000 de depósitos em moeda manual; emprestou R\$ 5 000 e ficou com R\$ 3 000 em caixa.

O que ocorreu é que os bancos emprestaram parte do que tinham recebido em depósito, mesmo mantendo o direito de João, Maria e Francisco sacarem seus depósitos quando quiserem. Deste modo, criaram de fato mais R\$ 9 000 além do que já existia antes. Este mecanismo é o mesmo desenvolvido pelo banqueiro primitivo de que falamos antes.

Aprofundando um pouco mais sobre o assunto, vimos inicialmente que havia R\$ 20 000 de moeda manual. Este valor representava poder de compra e podia ser destinado a qualquer momento para a realização de transações. No final do dia, as quatro pessoas dispunham de R\$ 29 000 e nestas condições, ou seja, este valor (moeda) representava capacidade de comprar. Mas, destes R\$ 29 000, apenas R\$ 10 000 estavam sob a forma de moeda manual, enquanto que os R\$ 19 000 eram depósitos

à vista, ou seja, moeda escritural. Os outros R\$ 10 000 de moeda manual estavam no caixa dos bancos, como reserva. Sendo uma reserva, já não representavam, naquele momento, uma disponibilidade para comprar. Estavam, de certa forma, “esterilizados”.

Embora continuassem sendo fisicamente moeda manual, estavam momentaneamente excluídos da circulação, ou seja, estavam reservados. Se no dia seguinte o banco emprestasse aquelas cédulas, ou alguém viesse sacá-las no caixa, elas voltariam à condição de moeda, deixando de fazer parte das reservas.

MEIOS DE PAGAMENTO (M¹): CONCEITO DE MOEDA

Agora, temos a conceituação de que nem toda moeda manual emitida pelo governo representa de fato moeda num determinado momento. Hoje, grande parte dela está fora de circulação, no caixa dos bancos ou no caixa do próprio banco central. Neste caso, esta parte da moeda deixou de ser moeda, embora possa voltar a sê-lo a qualquer momento.

Não podemos pensar que isto é um mero jogo de palavras, mas na verdade é o que acontece no mercado financeiro especulativo. A dificuldade de definir moeda é muito grande e isso expressa a complexidade que os problemas monetários assumem nas economias capitalistas. A definição mais aceita é a que identifica moeda como sendo os meios de pagamentos, ou seja, tudo aquilo que pode realizar pagamentos (tendo liquidez plena, aceitação geral e rentabilidade nula). Esta definição exclui a moeda manual que está fora de circulação, pois não podem realizar pagamentos. Assim, os meios de pagamentos se compõem de: papel-moeda (moeda manual) em poder do público e os depósitos à vista nos bancos.

Alem dos meios de pagamento M¹, existem outras definições de moeda, mais específicas, denominadas M², M³, etc. O conceito de meios de pagamento é utilizado tecnicamente para medir a quantidade de moeda numa economia.

Voltando ao exemplo anterior, vimos que naquele dia, o total de moeda existente era de R\$ 20 000 sob a forma de moeda manual – o meio de pagamento (M¹) também era de R\$ 20 000, tudo sob a forma de papel-moeda em poder do público.

Depois das diversas operações realizadas ao final do dia, uma parte da moeda manual, R\$ 10 000, estava no caixa dos bancos e já não fazia parte dos meios de pagamento (M¹) naquele momento. Mas, havia R\$ 19 000 como depósitos à vista nos dois bancos, considerados como moeda escritural. O meio de pagamento (M¹) atingia R\$ 29 000. O total de moeda manual continuava sendo, obviamente, R\$ 20 000. Os bancos aumentaram a quantidade de moeda em R\$ 9 000, ou seja, 45% sobre os R\$ 20 000 originais.

Vejamos o que acontece na realidade utilizando valores referentes à economia brasileira divulgada no Boletim Mensal do Banco Central do Brasil em dezembro de 1985.

Moeda manual total (papel-moeda emitido)..... R\$ 28,1 trilhões

Caixa do Banco Central.....	R\$ 1,3 trilhão
Caixa dos bancos.....	R\$ 3,2 trilhões
Papel-moeda em poder do público.....	R\$ 23,7 trilhões
Moeda escritural (depósito à vista).....	R\$ 77,6 trilhões
Meios de pagamento.....	R\$ 101,3 trilhões

A partir de um total de R\$ 28,1 trilhões emitidos, o sistema bancário criou R\$ 77,6 trilhões em depósitos à vista. No nosso exemplo, com quatro pessoas e dois bancos, não chegamos a mostrar os depósitos, em um banco, de cheques de outros bancos, nem como um empréstimo pode se transformar em pagamentos a várias pessoas e, por extensão, em depósitos em vários bancos. É este intenso cruzamento de depósitos e cheques que permite ao sistema bancário expandir tanto a quantidade de moeda.

Este poder de criar moeda por parte dos bancos é chamado de multiplicador bancário. A partir de um estoque de moeda manual, os bancos criam uma massa muito maior de moeda escritural. E mais, esta mesma quantidade de moeda manual vai gerar uma enorme quantidade de ativos financeiros não-monetários.

Na próxima edição falaremos sobre a formação do complexo sistema financeiro

Os Estados Unidos atravessam a maior crise econômica dos últimos anos. A crise de superprodução capitalista atinge todos os países pobres (oprimidos) e também os países ricos (opressores) e, em contrapartida, a vanguarda da burguesia mundial cria, planeja e articula planos e mais planos para sair momentaneamente da crise. Uma das saídas tem sido a constituição dos chamados blocos econômicos.

O NAFTA (acordo norte-americano de livre comércio) foi assinado em 1994 entre os países: EUA, Canadá e México. Os EUA venderam a idéia como sendo a única saída para a salvação da economia mexicana e depois de nove anos de acordo, mais da metade da população mexicana vive na pobreza e o desemprego segue em alta. A população mexicana ainda aguarda a concretização dos benefícios tão prometidos pelo acordo. Além de mais da metade dela viver na pobreza e 19%, na indigência, a cesta básica aumentou 560%, enquanto os salários cresceram apenas 136%.

O NAFTA estabeleceu como supostos benefícios a eliminação tarifária progressiva, de modo que após dez anos de acordo as barreiras deveriam deixar de existir. Na área de serviços, o NAFTA prevê uma abertura comercial, abrindo as fronteiras e garantia de direitos de propriedade intelectual e tratamento diferenciado para os setores têxtil, de vestuário, automotivo, de energia, de agricultura, de transporte terrestre e de telecomunicações.

O NAFTA está demonstrando o que acontece quando países em situações econômicas, sociais e tecnológicas muito diferentes organizam um bloco de livre circulação de investimentos e mercadorias. Neste caso, os resultados foram piores para o México, porém com derrotas para os trabalhadores norte-americanos. Empresas americanas fecharam e foram instalar-se no México, por conta da mão-de-obra ser mais barata e as leis trabalhistas mais flexíveis, o que de fato prova que o objetivo é o aumento da taxa de exploração da burguesia imperialista (sede de lucro) sobre os trabalhadores dos países pobres, em função evidentemente, da crise por que passa o regime de exploração capitalista. Neste sentido, estima-se que pelo menos 766 mil postos de trabalho foram eliminados na indústria dos EUA.

As conseqüências para o México após o acordo de livre comércio foram realmente desastrosas, a começar pela enorme taxa de exploração do trabalho infantil. As chamadas empresas “maquiladoras”, imunes às leis trabalhistas, começaram a instalar-se e intensificaram a exploração de crianças. Pelos dados da ONU, essas empresas são as que mais empregam mão-de-obra infantil no planeta, colocando ao mesmo tempo o México como campeão mundial da categoria. São 5 milhões de crianças menores de 14 anos trabalhando. Contraditoriamente, foram elas que estatisticamente, trouxeram mais empregos. De 1999 a 2000, cresceram 13,4% e ocupam 1,3 milhão de pessoas. Esse tipo de indústria é hoje responsável por 47% do total das exportações mexicanas e em contrapartida, os salários encolheram após o Nafta. Em 1994, era em média US\$ 2,10 por hora na indústria manufatureira, caindo para US\$ 1,90 por hora em 1999. E apesar do trabalho informal ter aumentado, a renda individual caiu 40% em média, visto que não é possível haver tanto espaço nem mercado para tantos trabalhadores demitidos do trabalho formal.

Nos primeiros três meses de vigência do Nafta, as exportações do México cresceram 25%, mas suas importações aumentaram 73%. A promessa de criação de 600 mil empregos caiu por terra. Ao contrário, nesse trimestre havia 105.225 empregos a menos no país segundo dados oficiais. Enquanto isso, as exportações de automóveis produzidos nos EUA para o México cresceram cinco vezes em comparação com o mesmo período de 1993.

O problema do **desemprego** vem se agravando em função do quadro recessivo da economia norte-americana. A Volkswagen mexicana acaba de anunciar a demissão de 2 (dois) mil trabalhadores, ou seja, 20% do total de empregados da empresa, o que levou também a redução de 24% no programa de produção para 2003 em razão da queda das vendas nos mercados de exportação, especialmente nos EUA. Isso é um fator de inquietação para as outras empresas montadoras de automóveis instaladas no México devido ao fato de que os EUA são o principal mercado comprador dos automóveis produzidos no México. A persistência do quadro recessivo da economia norte-americana já não tem mais consistência, pois após a guerra contra o Iraque já demonstra sinais de recuperação, o que em contrapartida não significa que vai haver sinais de recuperação da economia mexicana, pelo contrário, a crise se aprofunda.

com o aumento crescente do desemprego, especialmente nos setores exportadores, os quais deveriam ser os maiores beneficiados pela assinatura do acordo e paralelo a isso, aumenta também a miséria, fome e violência.

Com o Nafta, a economia mexicana ficou totalmente atrelada a economia dos EUA, trazendo mais prejuízos do que benefícios para o México e gerando com isso um quadro de deterioração da economia nacional e de retrocesso social com agravamento do problema do desemprego. Nos anos 70 sem o Nafta a economia mexicana cresceu em média 6,6% ao ano enquanto nos anos 90, com o Nafta, seu crescimento foi de 3,1% ao ano. Nos anos 70 o produto per capita mexicano cresceu 3,4% em média por ano, enquanto nos anos 90 esse crescimento foi de apenas 1,3% ao ano. De 1998 a 2000, o México recebeu 36,4 bilhões de dólares de investimentos estrangeiros. No entanto, no mesmo período, o déficit em conta corrente do país chegou a 48,7 bilhões de dólares. Em 2000, a dívida externa mexicana alcançava os 163,2 bilhões de dólares, mais do que o dobro da registrada em 1982. Neste sentido, o Nafta representou uma enorme dependência das relações econômicas do México com os EUA. Antes do acordo, essas relações eram mais diversificadas com o resto do mundo. Após o Nafta, cerca de 74% das importações mexicanas vêm dos EUA e 89% das exportações são dirigidas a este país.

Com o acordo de livre comércio ocorreu a chamada **desnacionalização** da economia mexicana. As maiores empresas mexicanas que movem a economia são cerca de 300, sendo que a maioria delas são filiais de transacionais norte-americanas e em torno delas se agrupam as empresas “maquiladoras”, onde se montam produtos com peças e componentes vindos dos EUA com vantagens decorrentes da mão-de-obra barata, que simplesmente fazem a montagem dos produtos e importam quase tudo. A mão-de-obra mexicana é cerca de 15 vezes mais barata do que a norte-americana. 96% das exportações mexicanas são provenientes desse grupo de 300 empresas mais as “maquiladoras”, sendo que os 4% restantes vêm de pequenas e médias empresas, ameaçadas constantemente de absorção pelas grandes ou simplesmente de fechamento.

A **desnacionalização** da economia mexicana é total. No setor têxtil, 71% das empresas são norte-americanas, aniquilando a concorrência mexicana. Isso demonstra que para cada dólar de exportação industrial do México para os EUA, há apenas 18%

de componentes nacionais. No caso das “maquiladoras” é ainda pior: para cada dólar exportado a participação de componentes mexicanos é de apenas 2 (dois) centavos. O transporte de carga por rodovias foi liberado imediatamente após a criação do Nafta e a consequência para o México foi a seguinte: o Estado do Texas rejeitou cerca de 50% do transporte mexicano, o Arizona 42% e a Califórnia 28%. Esses três Estados fazem fronteira com o México.

Na agricultura, a concorrência também é totalmente desigual. Em janeiro entrou em vigor uma cláusula do pacto, permitindo a entrada de produtos agropecuários norte-americanos sem pagar imposto. Segundo dados da câmara comercial Brasil-México, atualmente 90% do intercâmbio comercial mexicano é feito com os EIUAs. Em contrapartida, as exportações mexicanas de produtos agropecuários aumentaram nos últimos anos, saltando de US\$ 3,2 bilhões em 1993, para US\$ 6,2 bilhões em 2001. Os produtores mexicanos, principalmente os pequenos e médios, não tiveram condições de enfrentar o poderoso sistema de subsídios que sustenta a agricultura norte-americana e a superioridade tecnológica. A produção mexicana de arroz foi subsidiada pelas importações dos EUA, que representam hoje mais de 50% do consumo mexicano. A batata que antes era exportada para os EUA, agora foi barrada no mercado norte-americano, sob o pretexto de barreiras fitossanitárias. Enquanto isso, a batata norte-americana invadiu o mercado mexicano.

O México também era um grande exportador de algodão. Hoje, passou ser um dos maiores importadores do produto. A área agricultável do México foi reduzida e calcula-se que há hoje cerca de 6 (seis) milhões de camponeses sem terra. Esses camponeses engrossaram as fileiras dos mexicanos que tentam atravessar o muro que os EUA construíram na fronteira com o México. Após quase uma década de vigência do acordo, mais da metade da população mexicana nada tem a comemorar. O trabalho informal abrange cerca de 50% do total dos trabalhadores mexicanos em atividade, sem qualquer direito trabalhista e ainda por cima os salários são baixíssimos. Numa população de quase 100 (cem) milhões de habitantes, cerca de 20 (vinte) milhões sobrevivem em precárias condições de trabalho.

Estas são as consequências que a burguesia imperialista impõe aos países pobres (oprimidos), destruindo forças produtivas e eliminando concorrência.

O maior aumento de gastos militares desde a Guerra da Coréia (1950-53) impulsionou a economia norte-americana, que cresceu no segundo trimestre bem acima do esperado por analistas.

O PIB (Produto Interno Bruto - soma dos valores de todos os bens e serviços produzidos em um ano)- do país cresceu a uma taxa anualizada de 2,4% no período, segundo o índice divulgado pelo Departamento de Comércio. A expectativa era de um aumento de 1,5%, que seria próximo ao 1,4% verificado no primeiro trimestre deste ano.

O crescimento dependeu, em grande parte, do aumento dos gastos públicos, que estão levando os EUA a enfrentarem déficits recordes: há duas semanas, o governo anunciou que esperava um déficit de US\$ 455 bilhões para este ano (o dobro do previsto originalmente), o que corresponde a 4,2% do seu PIB. Durante a Segunda Guerra, os déficits públicos do país chegavam a 6% do PIB.

Para economistas críticos da política do presidente George W. Bush, os déficits atuais podem comprometer o crescimento econômico no futuro, quando o governo terá que fazer ajustes para colocar as contas em ordem.

Nenhum item da economia americana cresceu mais no trimestre do que os gastos militares federais, que subiram 44% no período em que o governo americano atacou o Iraque. É o maior aumento trimestral na rubrica de defesa desde 1951. Os gastos militares foram responsáveis por 1,69 ponto percentual no crescimento de 2,4% no trimestre.

A parte militar, que alcança US\$ 516 bilhões anuais (pouco superior ao tamanho do PIB do Brasil), foi o único gasto público que cresceu no segundo trimestre. As despesas federais não-militares caíram 4,1%, e as estaduais e municipais ficaram 1,5% menores.

Mesmo com crescimento, o desemprego não cedeu. Para isso, avaliam os analistas locais, a economia deveria se expandir a uma taxa anual de 3% a 4%.

Na Bolsa de Nova York, os índices Dow Jones e Standard & Poor's completaram o quinto mês seguido de ganhos, o que não ocorria desde 1998 -o primeiro subiu 2,8%, e o segundo, 1,6%.

Situação semelhante ocorreu na Nasdaq, a Bolsa da nova economia, que completou o sexto mês consecutivo de números positivos. Em julho, o índice Nasdaq Composite subiu 6,9%.

O IMPERIALISMO ESPERNEIA E A CRISE SE AVALUMA

O ritmo de crescimento dos EUA não tem muito mais importância para a economia mundial simplesmente porque, a Europa e parte da Ásia, está parando ou a caminho da recessão. Um ou dois pontos a mais no PIB americano não significam nada. Não levam a nada apontam analistas. Pouco importa que a economia americana, que representa 33% do PIB mundial, esteja crescendo 2,4% ou 3%. Simplesmente, num isolamento solitário, ela mergulha num mar de indiferença. . O que importa alguns pontos porcentuais a mais ou a menos se os outros países desenvolvidos recuam ou caminham para a recessão? o governo francês confirmou oficialmente que o PIB recuou 0,3% no segundo trimestre e está agora com um "crescimento" anual de 0,1%. O Eurostat, órgão oficial de estatística da União Européia, confirmava dados preliminares, informando que, no segundo trimestre, de 2003 o PIB dos 15 países da comunidade estagnou comparado com o trimestre anterior. Em confronto com o mesmo período do ano passado, o resultado é um pouco melhor. Na UE, 0,6%, por causa do bom desempenho da Grã-Bretanha (mais 2%), e na Eurozona 0,4%. A Itália e a Alemanha estão tecnicamente em recessão e a França, terceira economia regional, confirmou que caminha rapidamente para o mesmo destino. Se trata dos 15 países mais desenvolvidos do mundo, do segundo bloco econômico mundial, com um PIB quase igual ao dos EUA, de US\$ 10 trilhões, dos quais US\$ 8 trilhões só na eurozona, estagnada. EUA e UE representam mais de 60% de todo o PIB global, de toda a riqueza que move o mundo. O Brasil gira em torno de US\$ 500 bilhões

Segundo analistas internacionais, para reanimar a economia mundial - e inclusive a do Brasil, o PIB americano teria de voltar a crescer 4%. Esta é uma visão de um analista burguês, que acredita no capitalismo.

Não! “O governo Lula ira aquecer a economia, criará empregos, distribuirá renda e fará as reformas agrária e urbana”. O imperialismo nos ajudará.

Viva o povo iraquiano e o povo árabe!

Os investimentos na guerra, saque de petróleo, estão trazendo reaquecimento da economia americana, mas a guerra não acabou. Os soldados americanos estão enfrentando a população árabe em terras estranhas, sem tanques e o poderio bélico concentrado. Os EUA criaram terreno fértil para guerra no campo do adversário. A impossibilidade de Washington de pôr em funcionamento os serviços básicos e governos legítimos no Afeganistão e no Iraque pós-guerra potencializará a guerra aos moldes dos árabes.

Segundo pesquisa realizada neste mês pelo Centro de Pesquisa e Estudos Estratégicos do Iraque, a maioria dos iraquianos atribui a violência à provocação pelas forças americanas e à resistência à ocupação (no que é ainda mais preocupante, a palavra árabe para "resistência" usada na pesquisa implica simpatia em relação aos autores dos ataques). Nas cidades de Ramadi e Faluja, onde aconteceram vários dos ataques recentes, quase 90% dos entrevistados atribuíram as ofensivas a essas causas. Hoje os Iraquianos temem ser atacados em seus quartos e a energia elétrica, a água e os telefones estão rotineiramente indisponíveis. As imagens televisivas de soldados e tanques americanos em Bagdá são profundamente humilhantes para os muçulmanos, incluindo os que não gostavam de Saddam, explicou Saad al-Faqih, líder do Movimento para a Reforma Islâmica na Arábia, um grupo dissidente saudita baseado em Londres. O povo Árabe guerreiro não descansarão um só instante, não pouparão suas vidas para combater o imperialismo, Americano ou Europeu.

Venham para os cursinhos de Marxismo!

- Nos apoderarmos das idéias do proletariado internacionalista (Marxismo) é a condição única de enfrentar as idéias da burguesia mundial.
- Sem o conhecimento histórico das experiências deixadas pelas lutas revolucionárias do proletariado internacional não haveremos de derrotar a burguesia.
- Sem a construção de um Partido Operário Marxista capaz de forjar as idéias, um poderoso programa e a própria construção de verdadeiros militantes, íntegros, com conhecimento, coragem, disciplinados e organizados.
- Sem a combinação no seio das massas da teoria e da prática, capaz de se transformar em ação de massas, não estaremos capacitados para a tarefa de derrotar a burguesia e socializar os meios de produção.
- Se por esses ideais não lutarmos,
- O sistema capitalista, com sua crise de superprodução, nos levará ao aprofundamento da barbárie, das guerras, violência, fome, desemprego e miséria absoluta.

ETCD (Empresa de Transporte Coletivo de Diadema)

O preço da traição e a impotência para enfrentar um prefeito fascista, corrupto e articulado nacionalmente com a máfia dos empresários do transporte coletivo do Brasil e outras.

A ETCD (Empresa de Transporte Coletivo de Diadema) foi criada em 16 de dezembro de 1986, foi fruto da revolta e luta da população de Diadema contra a ganância de lucro fácil dos empresários de transporte e por melhoria no transporte. Na ocasião, o transporte era explorado por uma única empresa, concessão dada pelo prefeito e vereadores por 10 anos e renovados por mais 10 anos.

Os Movimentos Unificado de Diadema, após várias reuniões, passeatas, acamparam em frente à garagem da antiga Viação Diadema, por três dias e três noites; os trabalhadores se revezavam, a população mandava alimentos e toda hora chegava novos apoios. Foi então que o Prefeito entrevistou “a seu modo” e através da compra de Ônibus velhos criou a ETCD. O Movimento travou uma grande batalha para construir o Estatuto e a própria Legislação de Constituição da Empresa. Entre as polêmicas estava a questão dos Ônibus novos e não velhos, diretoria indicada pelo Movimento e não pelo Prefeito, nenhum cargo de confiança; que a empresa fosse administrada pelos trabalhadores da futura empresa juntamente com os usuários, através de um Conselho. Foi aí que nasceu o Conselho Deliberativo da ETCD. O Movimento não conseguiu garantir uma empresa dos trabalhadores, gerida por estes. O Prefeito acabou impondo uma Lei e um estatuto mesclado, dúbio devido às pressões do Movimento.

De 1986 até nossos dias muita luta e brigas foram travadas em torno da ETCD dos Trabalhadores ou a ETCD dos prefeitos, seus cargos de confiança e a politicagem e ladroagem que faz parte da administração capitalista.

Os empresários de transporte sempre pressionaram juntamente com os prefeitos pela privatização da empresa, como foi feito com a empresa de São Bernardo e Santo André.

O transporte coletivo do Brasil é propriedade de no máximo meia dúzia de capitalistas. Aqui no ABCD, quem domina é o grupo dos mineiros que são donos das empresas Riacho grande, Imigrantes, Barão de Mauá e mais uma dezena de empresas. Estes empresários criam empresas todo dia para participar e burlar as licitações, como a última ocorrida em Diadema, em que participou a Viação Riacho Grande e a Imigrantes do mesmo dono. Também são donos de empresas de revenda de ônibus e micro-ônibus. Para se ter uma idéia, eles dominam inclusive o transporte clandestino de micros e kombis. Também compram e matam dirigentes sindicais, etc.

A licitação fraudada de Diadema já estava acordada desde a campanha eleitoral e fez parte do acordo com os perueiros e verbas para a campanha.

Quem pagou os perueiros e contratou vários trabalhadores desse sistema foi a Cooperativa dos Mineiros. Desse acordo fez parte a entrega da ETCD e o fim dos cobradores.

Diante dessa máfia os trabalhadores da ETCD tentaram resistir, mas alguns líderes se venderam e fizeram até movimento para a demissão dos companheiros lutadores.

Na votação da Câmara para extinguir a Legislação de criação da Empresa fizeram reunião às escondidas com uma tal de Vereadora do PT Dra. Irene e quando o Movimento chegou se deparou com a resistência dos trabalhadores da empresa, defendendo a mudança na Lei conforme queria o prefeito. Está aí, não existe mais a ETCD (legalmente) virou parte do Departamento de Obras. Temos ônibus novos! Estão todos em nome da Viação Imigrantes. Que bom! O transporte melhorou mesmo!

CPI

Os trabalhadores da ETCD ainda têm ilusão de que os vereadores irão fazer alguma apuração, etc. Foram até a Câmara Municipal em 21/08/03 e acabaram realizando um bonito protesto jogando moedas de R\$ 0,10 nos vereadores e dando uns empurrões em outros. Como esperado, os vereadores rejeitaram a CPI por 12 a 4

Só com o Movimento dos Trabalhadores em transporte e os usuários de forma independente é que conseguiremos conquistar alguma melhoria e a permanência da própria ETCD

Na capital de São Paulo quem manda.

60% dos passageiros nas mãos de quatro grupos

O transporte de ônibus urbano em São Paulo é feito por 40 empresas, mas mais da metade delas é controlada por apenas quatro grupos: os dos imigrantes portugueses José Ruas Vaz e Belarmino de Ascensão Marta, o do mineiro Romero Niquini e o da família Oliveira, também de Minas, composta pelos irmãos Henrique, Ricardo, Joaquim e Constantino. Este último, o mais velho, abandonou o ramo para fundar a companhia aérea Gol.

Juntas, as empresas dos quatro grupos transportam cerca de 60% dos 3,7 milhões de passageiros diários do sistema.

O Japão através do seu Ministro das Finanças Masajuro Shiokawa está tentando exportar parte dos idosos do país para as Filipinas (alega possuir 1 milhão de pessoas com mais de 100 anos o que está inviabilizando os pagamentos das aposentadorias e os serviços de saúde.

Em Diadema, São Paulo o Prefeito do PT esta com uma política de Moradia que visa exportar os pobres que pagam aluguel ou moram nas casas dos parentes.

Diz o grande prefeito que, se construir mais casas no município terá que aumentar a infra-estrutura, como postos de saúde, hospitais, escolas, creches etc.

Então, está propondo resolver o problema de moradia em termos de grande ABC.

**Morte ao capitalismo decadente!
Viva o Socialismo!**

